

# ARAPUCA ARMADA: A EMBOLADA POÉTICA DOS SUJEITOS DA PERIFERIA NA PERFORMANCE DO INACABADO

**RESUMO:** Esta pesquisa foi pautada sob o olhar do inacabado, corporizada em diálogos com o grupo Arapuca Armada: grupo de rapper do município de Mossoró - RN, lócus no bairro Belo Horizonte, no percurso do tear performativo. Teve como objetivo narrar a desenvoltura da poesia ritmada inscrita no corpo e na oralidade de gente inserida na periferia, suas subjetividades impactadas com as problemáticas atravessadas em suas identidades, como também denunciar ausências de sujeitos, seus apelos em existir sem ocupar seus lugares de fala. Trabalho qualitativo, no método biográfico tricotado com a sociopoética para ecoar a “embolada poética” – aqui tratada como poética da periferia, de re-existência, no contraponto com as políticas socio-artísticas-culturais ociosas. Na análise: a documentação gravada da atuação, e a fotografia captada do estado de arte para a dialógica discursiva. Também foi realizada entrevista semiestruturada com os sujeitos das narrativas em co-labor-ação entre o falar e o escutar. O suporte teórico entrelaça a “Pedagogia da Autonomia” com os diálogos “Para um pensamento do sul” por se tratar de vozes/corpos silenciados pela intervenção do pátrio/colonial e capitalista em saberes emergidos do povo: suas vivências, experiências e descobertas. Por este viés, o incentivo à leitura do mundo e dos demais simbolismos estampados no ser-sujeito; um espaço de formação de concepções acerca do uso da oralidade, assim como um processo de ensino e de aprendizagem de forma histórico social e cultural. O relato é inacabado porque não se encerra aqui, tudo é apenas um olhar singular de um trabalho com sujeitos que se recriam nas representações simbólicas dos corpos intérpretes. O que pode ser compreendido da pesquisa é que a periferia tem voz, tem corpo, tem poética, tem identidade, muitas vezes, abafados por esse conhecimento eurocêntrico, sistematizado com tanto rigor ensinado no higienizar da sociedade.

**Palavras-chave:** Arte, Corpo, Discurso, Heterobiografização, Performance.

## 1. PALAVRA DE INVENÇÃO

Esta letra emerge de inquietações: É a rima da embolada poética de “rappers” da cidade de Mossoró/RN, escupida da linguagem do hip-hop com a intenção de fazer acontecer a poética de sujeitos enviesados pelas suas existências. Impregna **o objetivo de narrar a desenvoltura da poesia ritmada inscrita no corpo e na oralidade de gente inserida na periferia.** É o enredo do inacabado acerca da fusão entre a poesia e o ritmo como constructos de identidades, além de ser novos paradigmas de interação social.

A esteira da pesquisa é o chão do Bairro Belo Horizonte, na cidade de Mossoró/RN, no culto cenopoético chamado de: Igreja do avivamento cultural – um projeto de arte desenvolvido por um grupo de artistas de performances diversas acontecido na rua Olavo Bilac, na calçada da PV ARTE, na periferias como viés de levar diversão para a população quase nunca lembrada pelo poder público. Boaventura de Souza Santos diz que: “A sociologia das ausências é a cartografia da linha abissal. Identifica as formas e os meios pelos quais a linha abissal produz a

não-existência, a invisibilidade radical e a irrelevância” (2022, p. 49). Assim se apresenta o espaço físico escolhido, uma comunidade de cidadãos e cidadãs que sobrevivem dos esforços de pertencerem à vida e a seus silêncios.

O grupo é formado por jovens amigos unidos pela dor e pelo sabor de existir, de produzir arte na periferia, de tecer suas identidades. Zygmunt Bauman (2002, p. 83), assevera que: “A identidade é uma luta simultânea contra a dissolução e a fragmentação; uma intenção de devorar e ao mesmo tempo uma recusa a ser devorado...”. É, na verdade, cidadãos de incômodos com o universo ao seu redor, com o contexto do seu entorno, trazendo para o reflexo de si o abandono do outro.

Jovens artistas impregnados da conjugação do verbo esperar, para isso foi preciso:

**1. Recortar as subjetividades atravessadas nas letras das músicas; 2. Emendar Ausências de sujeitos nas narrativas construídas no processo de pesquisa; 3. Reescrever a ocupação dos lugares de fala de sujeitos envolvidos no processo colaborativo.**

Dentro desse itinerário, existe a inquietação do inacabado (FREIRE, 1996), para poder dar um norte à trajetória seguida de onde se desejou chegar, para isto: **Quem são os jovens rappers, componentes do Arapuca Armada, impactados com as ausências da juventude da periferia que se tornam presentes a partir da produção dos elementos da cultura hip-hop?**

Por tantos fatores, a pesquisa ocupa lugar de destaque e importância mediante a um cenário instigado pelo retrocesso de acesso aos bens culturais e artísticos, a falta de oportunidade a jovens da periferia com iniciativas de promover o bem comum, o pacto pelo desenvolvimento psicoafetivo e cognitivo mobilizadores do desenvolvimento de competências e habilidades para o processo de cidadania, de autonomia e protagonismo juvenil diante das decisões sociopolíticas, educacionais e de direitos assegurados. Embasamos, de fato, em compreendermos o ser, na condição humana (MORIN, 2003), em suas provocações que a necessidade de atuar no espaço social vai conduzindo os sujeitos e suas sensibilidades para o posto de mediador destas tensões na perspectiva de provocar o debate, além da atuação para o processo de mudança tão almejado no que diz respeito às políticas sociais.

A associação da busca de si e de nós e da busca da felicidade leva à construção progressiva de um sistema de valorizações egocentradas que resulta do conhecimento e da experiência daquilo de que temos necessidade individualmente, para nos sentirmos “bem na nossa pele” e confortáveis no nosso ser, em relação com o outro e

nos nossos grupos aos quais pertencemos. Mas quando o sistema de valorizações é considerado nas suas ligações com a busca de sentido, somos obrigados a introduzir as correções que nos permitirão ajustar nossos valores, e os interesses egoístas que daí decorrem, às referências transpessoais que servem para dar sentido às nossas escolhas (JOSSO, 2010, p. 133).

Debruçar sobre esta temática é atravessar o pertencimento da **pesquisa qualitativa** por se tratar de um fenômeno social, de envolvimento de sujeitos presentes nas ruas das periferias ociosos por projetos de arte-cultura significativos para as juventudes plurais em busca de diálogos e atitudes aptos a se somarem ao trabalho desenvolvido. Importante ressaltar a **sociopoética** (GAUTHIER, 2012), para a captura da performance encenada nas narrativas de vida que passamos a tecer a narrativa dos sujeitos envolvidos, suas competências e habilidades; é fazer uso dos recursos de pesquisa, como: fotografias, registros de pequenos vídeos, entrevistas semiestruturadas para o trabalho cooperativo e co-labor-ativo de fala e de escuta entre sujeitos pesquisados e pesquisador para o florescimento do tecido desse enredo arraigado de cognição e de afetividade. Alexsander Portelli (2016, p. 9) discorre para o melhor entendimento que: “[...] as fontes orais são utilizadas como eixo de um outro tipo de trabalho histórico, no qual questões ligadas a memória, narrativa, subjetividade e diálogo moldam a própria agenda do historiador”.

É, de fato, uma Arapuca Armada produzindo linguagens artísticas em seus devaneios arraigados de metáforas, eufemismos e sinestésias submergidas das entranhas de quem se enfesta dessa poética com o propósito de fazer a reflexão crítica, afetiva e sociointeracionista com a plateia (FREIRE, 1996). Tornam-se preciso também o registrar da plateia, a receptividade do público presente, a performance corporal dos rappers, toda sincronia do contexto com a motivação exercida pelo Arapuca Armada sobre os olhares dos expetadores e construção da heterobiografização (LECHNER, 2009), da ação-reflexão-ação de uma práxis ativa e participativa

A juventude da Arapuca Armada se voltou contra uma cultura produzida nos meios de comunicação de massa para o consumo desenfreado e líquido; ressignificou, pela arte, a produção de músicas autorais ressalvando a batida do rap, as dores do cotidiano, o véu das injustiças tão estampadas nos corpos de homens e mulheres nos seus espaços de tristeza, de alegria, de desespero e de esperanças. A inquietação, a necessidade da construção de identidades, a ressignificação de sujeitos ociosos por um mundo mais pleno de oportunidades para os processos de igualdade, liberdade e fraternidade entre os sujeitos se materializou, muitas vezes, como elemento cultural na produção de linguagens porque é através dela que a

competência humana de saber-interagir, saber-recriar, saber-repensar, saber-atuar-no-mundo (JOSSO, 2010). Não é uma pesquisa de silêncio, um trabalho de colocar palavras na boca dos sujeitos, ao contrário, é uma trajetória de ressignificação, de escuta, de poder somar com quem deseja narrar, expressar, construir o seu discurso a partir das motivações sociais, culturais e histórias (BAKTHIN, 2015).

O relato é inacabado porque não se encerra aqui, tudo é apenas um olhar singular de um trabalho com sujeitos que se recriam nas representações simbólicas dos corpos intérpretes (ZUMTHOR, 1997). O que pode ser compreendido da pesquisa é que a periferia tem voz, tem corpo, tem poética, tem identidade, muitas vezes, abafados por esse conhecimento eurocêntrico, sistematizado com tanto rigor ensinado no higienizar da sociedade.

## **2. NARRADORES URBANOS – A PALAVRA SOLTA NO UNIVERSO**

O hip-hop - quadril e balanço - é a mistura do ritmo e da poesia, está para a construção de uma poética compreendida como um gênero textual nascido a partir do hibridismo: rima, métrica, sílabas poetas, versificação, estrofes, trabalho de linguagem, acompanhamento sonoro, características encontradas no cordel, nas emboladas, nas cantorias, em diversos gêneros exploradores na diversidade da língua oral (BAGNO, 2007). São unidades sociocomunicativas criadas por necessidade do falante a partir de um contexto social, de intenção comunicativa. Importante descartar o diálogo existente entre os gêneros comunicativos.

Fazemos essa reflexão porque é ativada essa nossa memória afetiva e seletiva. Na compreensão de Freire (1996, p. 50) “O do inacabamento do ser humano. Na verdade, o inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da experiência vital. Onde há vida, há inacabamento”. As imagens vão e voltam, aparecem e desaparecem, se resguardam e vêm à baila quando acionadas, fazem suas articulações, somam com os processos de recomposição do real, do que parecia tão distante, mas está tão presente. Em Santos (2022), podemos ler sobre a invenção do conhecimento científico social ter inventado muito do que está registrado, escrito, isto ter influenciado os comportamentos das pessoas e seus modos como percebem a vida social.

A Arapuca Armada se reinventou, não trouxe consigo o seu significado denotativo. É arma, mas não é arma de captura como a dos caçadores de pássaros para lhes tirarem as vidas, engaiolá-los, promover desordem ou extinção de quem tem a vitalidade e o objetivo de embelezar a vida. É onde se inicia a metáfora, talvez fruto de toda desordem instaurada em seus

membros fundadores, como estes se sentiam diante das impossibilidades da vida e falta de oportunidade para um encontro mais fortuito com a felicidade, o sentido de existir, o direito de ter vida e liberdade, ou mesmo ter igualdade de oportunidades na forma da lei.

Nos antípodas dessa situação, quem pratica a sociologia das ausências proposta pela epistemologia do Sul, quer seja um sujeito individual, quer seja um sujeito coletivo, para além de lidar com outros saberes, o faz no âmbito de uma luta social e política que é importante precisamente por não se tratar de uma mera competição intelectual consigo mesmo (a autorreflexividade) ou com outros (a rivalidade acadêmica entre escolas de pensamento) (SANTOS, 2022, p. 53).

A Arapuça Armada passou a ser a arma de educação, de cidadania, da alteridade plural do sujeito para o novo contexto, para o estado cultural de transformar o elemento bruto gerado pelas atrocidades sociais em letras de músicas, em batidas de partituras de arte, de lirismo, de epopeias atuais, tirando da invisibilidade as produções artísticas da periferia numa dimensão antropossocial numa ótica visionária de renascimento cultural contemporâneos (CHARLOT, 2013). Foi um investimento em um capital humano que aflorou motivado pela representação dos sentidos quando acionados em suas sinestesias, passando a construir elos cognitivos entre o que não tinha significado com os elementos já pertencentes às subjetividades de sujeitos inseridos em um meio de aprendizagens e novas aprendizagens afloradas nesses novos gêneros discursivos como unidades de comunicação e interação entre atores sociais e seus simbolismos.

Isso vai se refletindo nos nomes dos componentes: Caboco, Comedor de camarão, Pepeu Savant. Essa riqueza de detalhes diz muito do que é performatizado. As construções dessas identidades encandeiam a cena demonstrada nas encenações. Há um reconhecimento entre o público e os artistas. O olhar do passante é apreendido, o sorriso de quem está do outro lado da rua, na calçada é congelado, depois explodido em sorrisos de contentamento, de proximidade, de reconhecimento.

Para descrever essas práticas cotidianas que produzem sem capitalizar, isto é, sem dominar o tempo, impunha-se um ponto de partida por ser o foco exorbitado da cultura contemporânea e de seu consumo: a leitura. Da televisão ao jornal, da publicidade a todas as epifanias mercadológicas, a nossa sociedade concretiza a vista, mede toda a realidade as comunicações em viagens de olhar. É uma epopeia do olho e da pulsão de ler. (CERTEAU, 2014, p. 47-48)

A coreografia do instante como princípio norteador do trabalho vai se descortinando em cena. Os corpos assumem suas personagens sociais; os sujeitos comuns passam a ser as grandes estrelas do momento de entusiasmo e rebeldia. É pelo tato da sociopoética que a construção da visão vai sendo costurada. Existe as diferenças, as invisibilidades, mas nada aparenta ter mais força quanto o ato da resistência, da quebra da impossibilidade e do desejo latente de não se

reder aos engodos ou incômodos: eles atuam, promovem o espetáculo, deixam o recado, apesar de todas as marcas de negação da vida.

É preciso pensar nas exclusões abissais, como nos assegura Santos (2022), ou seja, as formas de poder existentes a fim de tornar certos grupos de pessoas e formas de vida social não-existent, invisíveis, radicalmente inferiores ou radicalmente perigosos, em suma, descartáveis ou ameaçadores. Desta forma, não é confortável deixar ausente a influência do patriarcado sobre os silenciamentos dos sujeitos em seus espaços, muitas vezes subjugados pela ordem do discurso impositor, ditando os trâmites do que deve ser dito ou do que deve ser guardado na subjetividade. Porque a arte sempre foi incômoda para os donos dos poderes, das oligarquias responsáveis em rotular artistas como seres ignorantes, primitivos, inferiores, subversivos, gerando exclusões abissais.

Corroboramos com o pensamento e o convidamos para o diálogo porque, no nosso entendimento, o indivíduo produtor de cultura busca, nos seus processos de não aceitar perpétua de suas ausências, revidar tais situações na reinvenção do cotidiano através do exercício de outras linguagens, tecnologias, mesmo que estas não sejam uma invenção cor/local, mas que são adaptadas a realidades para a significação dos sujeitos e suas identidades em seus espaços de performances, de expressão, de construção de poéticas a partir da motivação e dos contextos de inserção das suas lutas, devaneios e realizações de utopias. É do sujeito oprimido experimentar e reavivar a sua voz suprimida para sair da ausência e ser um sujeito de emergência, presente no meio social.

Desta forma, eles se transformam em narradores urbanos, em sujeitos comprometidos com suas causas e com as causas dos outros. Tudo dentro de uma complexidade de que existir não é fácil, é um exercício diário de compaixão por si, pelos seus objetivos a serem alcançados e pela mobilização sociocultural, econômica e política do outro, educacional e psicoafetiva. Todos os dias, no batente, eles vão colhendo o material para a materialização do produto oferecido pelo Arapuca Armada. Neste sentido, nos alerta Freire (1996, p. 51) “A invenção da existência envolve (...) a linguagem, a cultura, a comunicação em níveis mais profundos e complexos do que o que ocorre no domínio da vida, a “espiritualização’ do mundo, a possibilidade de embelezar como de enfeiar o mundo (...)”.

É onde se pauta o trabalho do Arapuca Armada. É na palavra, na produção discursiva a partir do dialogismo, das manifestações sociais, o verbo vai sendo dilapidado na construção da

poética dos sujeitos das periferias. Ela é usada de acordo com os costumes e usos contextuais e situacionais, tudo de forma a formar o entendimento, a compreensão, a aprendizagem na vivência e nas trocas de experiências. Nesse processo, não cabe o proselitismo, o discurso prolixo ou a linguagem sob a batuta das regras sistemáticas com rigor das gramáticas, aqui é preciso a doçura, o processo democrático, a valorização do conhecimento prévio dos interlocutores, além do respeito aos níveis variados de saberes diferentes para evitar os preconceitos linguísticos.

### **3. SUJEITOS – ARAPUCAS DISCURSIVAS, IDENTIDADES ATIVISTAS**

Do interior do nordeste

Do interior desse Nordeste  
Que a chapa aquece  
Caboco pisa, poeira sobe, ideia desce  
Igual silêncio abraça a brisa  
e te envolve  
Em uma outra perspectiva desse corre[...]  
(composição de Caboco)

As periferias são reinventadas, seus tijolos são cidadãos e ecos de corpos empilhados como muralhas de resistência: atos de higienizar as cidades não são aceitos na passividade. Existe cartilha do dizer que existe, ali, a poética da vida desencarretada pelo grito que não se suporta engaiolado, é preciso ser eclodido para o universo do verso arraigado de força explodida pela falta de amor ao próximo, de proselitismo nos discursos políticos sem a menor pretensão de resolver questões de ausências e de carências para grande parte da população periférica.

Assim são os versos cantados, assim é a metralhadora metafórica do Arapuca Armada: sempre pronta para o ataque, para dizer sem atropelos, sendo porta-voz da coletividade.

O Arapuca surgiu de um grupo de amigos que já viam promovendo eventos independentes da cultura Hip Hop em Mossoró. Em agosto de 2021 com a produção do projeto Pé na Praça, pensamos em juntar nossos trabalhos musicais para apresentarmos juntos. Nessa ideia nasceu o grupo de Rap Arapuca Armada. Desde então os convites são feitos mais para o grupo que pra os indivíduos (Depoimento de Cumpadi Caboco colhido em 02.04.2022).

Nesses espaços de periferia, existem sujeitos segregados pela cor, pelo grau de escolaridade, pela estratificação social, pelo capital cultural adquirido ao longo da exploração do capitalismo e da mão de obra barata, entre outros fatores, lembrados simplesmente em ocasiões específicas de decidir o que nem se sabe, de fato, o que está a defender, a escolher, a trazer como mudança

para sua própria vida, para a vida do outro ou mesmo da sociedade em geral. Esta é uma realidade que não está tão distante da vida dos componentes do grupo de happer's pesquisado.

RVAL - sou DJ, produtor de eventos, taxista e assistente administrativo - ensino superior incompleto. Não lembro a data, mas o convite para compor o grupo Arapuca Armada foi feito as prévias de um evento produzido pelo coletivo " HipHop Mossoró". O convite inicialmente era pra montar toda a estrutura de som, e a ambientização sonora de todo o rolê. Porém foi estendido não só para tocar as bases das músicas dos componentes do grupo, mas para realmente fazer parte e somar como DJ ao grupo. Eu sou de Mossoró - RN, bairro Santo Antônio. Eu felizmente fui um convidado, e fico muito feliz pelo convite. Mas acredito que o nome se dá primeiro pela relação a nomenclatura regional. E eu costumo pensar que a arapuca serve não pra prender, mas pra libertar a mente dos ouvintes. Como não sou poeta/ letrista, não posso opinar muito, mas pelo convívio que tenho com os letristas nossas formas de pensamentos são bem parecidas, então sempre faço das palavras deles as minhas. Nosso trabalho em conjunto ainda é recente, mas por ser uma cultura que vem da periferia, normalmente as pessoas que tem o " coração tocado" vivem o que se é cantado nas letras. Então a mensagem na maioria das vezes chega. Porém não podemos afirmar o quão modifica na vida ou vivência das pessoas. Saber que as pessoas do nosso contexto social serão atingidas e são o tema principal (de certa forma) das letras. É gratificante por também se sentir incluso e representado, e feliz por conseguir representar as pessoas... acredito que não exista uma palavra tão complexa pra quem vive a cultura, e que consiga explicar todo o trabalho que desenvolvemos quanto "Hip-hop".[...]. De tudo é uma forma de viver, de pensar e até de um certo modo um ato político e social para você e aos que vivem a sua volta. (Depoimento de RVAL DJ colhido em 02 de abril de 2022).

É próprio da memória selecionar e interpretar, além de também tratar dos esquecimentos, das negações de fatos, de não se dobrar a situações e lembranças sem a permissão dos sujeitos. Comum ouvir, no senso comum, que a população tem memória fraca, esquece rápido, não se lembra do mal feito a si mesma pelas escolhas erradas. Tudo isso muito estampado na periferia em questão: de tudo falta um pouco; de todos os direitos assegurados em lei, a população vive a amargar essas ausências. São nesses espaços de concentração de tanta complexidade, de corpos sofridos e desvalorização da vida, a explosão de vozes silenciadas pela força da imposição de valores, de troca de favores, de vícios na vida desenvolvidos para a dominação, para a produção da ignorância ou mesmo para a promoção das diferenças entre as classes sociais inventadas pelo patriarcado, pelo colonialismo, pelo capitalismo e por todo pensamento eurocêntrico de higienização do conhecimento e do saber, colocando em espaços distintos cidadãos e cidadãs negados em seus direitos de existência, de vida e de liberdade.

Eu gosto quando esse povo diferente vem pra cá...é uma novidade, né, aqui nunca tem nada de diferente pra fazer. A gente senta na calçada e acha é graça das coisas deles, das falas doidas. Toda vez que tem, eu me avecho de terminar o que tou fazendo e assisto inté terminar. Quando não tem nada, o jeito e vê as novelas e depois cama, dormir pra ir trabalhar ou deixar os menino na escola. É assim...[...].(Depoimento de dona Maria colhido em Setembro de 2022).



O que esperar de uma sociedade líquida? Para Bauman (2011, p.14), “Nesse nosso mundo sempre desconhecido, imprevisível (...) a perspectiva de ficar sozinho pode ser tenebrosa; é possível citar muitas razões para conceber a solidão como uma situação extremamente incômoda, ameaçadora e aterrorizante”. O caminho contrário da arte e de suas linguagens. A arte existe para as trajetórias de junção, de aglomerar, de respaldar significados muitas vezes não encontrados na verossimilhança da vida. Isto pode ser experimentado no hip hop e sua manifestação artística agregada ao espaço, alojada e respaldada nas periferias, em grupos diversos, compondo seus discurso e identidades nas letras das músicas, com o recurso do ritmo escrito nos movimentos corporais, materializados movimentos coreográficos, estampados nas formas de vestimenta e nas performances de disputas, desafios, apresentação de improviso na mostra de canções produzidas previamente.

Eu só queria que existisse mais, tivesse mais coisas assim espalhadas pela cidade de Mossoró para juntar mais jovens com vontade de fazer arte, de movimentar arte, de mastigar arte como esses meninos do Arapuca Armada. O que eles dizem, falam nas suas performances são coisas que estão dentro da gente, a gente quer dizer e não sabe como, eles dizem por nós. (Depoimento de Amorim colhido em Setembro de 2021).

Embora tenha nascido historicamente nos Estados Unidos, na década de 70, ainda no século XX, depois tenha se expandido pelo resto do mundo, o rap - ritmo e poesia - o rap tem suas características peculiares no Arapuca Armada: o rap passa a ser a poética da periferia e de seus sujeitos implicados na pluralidade de saberes, porta-voz desses corpos inflamados por tanta negação, os rappers passam a ser os narradores urbanos desses sujeitos ausentes, para a resolução das invisibilidades de sujeitos.

A cultura em nosso mundo moderno líquido não tem “povo” para “cultivar”, tem clientes para seduzir. E, ao contrário da cultura sólida moderna que a precedeu, não quer mais se esforçar para cumprir seu papel – quanto mais cedo possível. Sua tarefa é de cuidar de sobreviver de modo permanente, tornando provisórios todos os aspectos da vida de seus guardiões e potenciais convertidos, que hoje renascem na condição de clientes”. (BAUMAN, 2011, p.91)

Seguindo a trilha dessa trajetória, através de observações, atuações conjuntas e escutas, conhecimentos o grupo Arapuca Armada no exercício da sua performance: esses jovens atores sociais implicados com o rapper e toda sua diversidade. Não se limitam aos seus territórios de vivência, mas que buscam outros espaços para novos diálogos e desafios através da arte produzida por eles. Quatro componentes: Comedor de Camarão, Renne Vilmont, Caboco do Sertão e Pepeu Savant, jovens amigos da periferia, perturbados com as mesmas problemáticas existências e de participação em comunidades periféricas que transpuseram para o papel, em forma de poesia ritmada, o que estava afligindo-os no cotidiano. Bauman (2011, p. 142), diz

que: “Manter longe os supostos fatores ofensivos não ajudará muito a aplacar e muito menos a eliminar nossa impressão de ameaça. De modo paradoxal, as ações que praticamos para nos salvar da tortura do medo podem ser a fonte mais eficaz e permanente de temores”. Não somente a eles, mas a outras juventudes que se identificavam com as verdades das entrelinhas ecoadas pelo grupo. Todos os componentes são discentes universitários ainda em formação, moradores de periferias e juntos pelo desejo da produção cultural.

A cultura não é estática, ela se reinventa todos os instantes, seja por um novo acontecimento, seja pela reinvenção de algo existente nas produções de saberes como processo de interação entre indivíduos. É um ato político, não pode estar dissociada da vida, do contexto, das motivações, uma vez ser uma produção humana. Nela podemos construir os heróis e os anti-heróis. Quando falamos em cultura hip-hop, estamos falando de uma linguagem urbana, presente na periferia, que encontra respaldo nas várias juventudes e seus conflitos sociais implicados nas subjetividades e singularidades.

Estamos falando de uma arte considerada "arte marginal", mal vista pelos puristas da sociedade e detentores do capital intelectual, os que se fantasiam de doutores da lei e vão tachando de certo ou errado; de esteticamente belo ou de feio; com valor ou sem valor o que é produzido culturalmente na sociedade. Com a cultura do rap é possível fazer o enfrentamento ao sistema de negação que torna invisível sujeitos diversos. Importante ressaltar os gêneros discursivos presentes como elos comunicativos entre os que estão sempre em busca de novas atitudes, novas possibilidades, novas linguagens. Estes surgem por necessidade comunicativa, são úteis até que tenham serventia nos processos interativos, quando não mais necessários, são substituídos por outras unidades comunicativas denominadas de gênero textual.

A arte transforma vidas, ela é precisa e inevitável para que o sujeito da criação, da criatividade possa aflorar e passar a ser todos os instantes na vida.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Arapuca é um nome de origem Tupy, é um termo já usado para designar uma forma de armadilha, de capturar presas, animais e humanos distraídos. O grupo fez uma releitura desse instrumento. Essa arapuca armada é a metáfora construída dentro de uma semiótica para designar que o trabalho do grupo é um caminho/estrada para a reflexão crítica, a interação socioafetiva para a construção de um novo pensamento reformado para a atuação social. Tudo

isso pode ser sentido na produção das letras. Um fato importante de ressaltar é que o grupo desenvolve todo o trabalho valorizando os ritmos regionais, aspectos da cultura nordestina, potiguar, buscando aspectos novos que possam ser a identidade do trabalho desenvolvido. São, por que não dizer, os novos heróis, de um novo tempo, de uma linguagem que vai quebrando os estigmas e paradigmas já existentes para a invenção do novo, de um estilo, de uma estética, de uma linguagem peculiar aos anseios dos que estão na fabricação desse novo produto. A cada Apresentação, o grupo se surpreende com a atenção, participação e surgimento de novos contatos para novas apresentações ou realização de novos trabalhos.

O grupo não tem ainda consciência acerca do trabalho realizado e como este implica em uma construção de uma nova estética para a arte local e na manifestação cênica que os corpos dos sujeitos envolvidos provocam nos interlocutores. Correto dizer que as letras das músicas são provocativas, arraigadas de possibilidades para uma nova estética na representação da cultura popular que se molda, se redesenha, é reinventada quando um novo grupo se propõe a instigar o contexto popular de produção com uma poética de identidades da periferia. A ousadia de intitular os rappers como narradores urbanos parte da análise das apresentar nas calçadas das periferias, quando os mesmos se soltam, incorporam o papel de mediadores orais de situações tão comuns aos que estão como interlocutores. Eles são os inocentes, os onipresentes que se apropriam dos enredos formados pela ação inicial, pela apresentação das personagens, pela quebra da normalidade em nome do conflito e resolução de tudo através da chegada do clímax e anunciação do desfecho.

O trabalho com a oralidade promove o empoderamento. De acordo com a forma de dizer, a emoção concentrada, a maior mentira poderá ser a maior verdade extraída daquela cena. É a voz da população marginalizada porque acontece nas periferias, na ponta da língua de quem não está muito preocupado com a normatividade de ler e escrever a língua como manda os manuais de gramática, mas tem uma preocupação de ocupar o lugar de fala com um discurso vivo, como viva e dinâmica é a vida.

## 5. REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**/ Marcos Bagno. – São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAKHTIN, M. **Teoria do romance I: A estilística**/ Mikhail Bakhtin; tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra; organização da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. – São Paulo: Editora 34, 2015 (1ª Edição). 256 p.

BAUMAN, Z. **44 cartas do mundo líquido**/Zygmunt Bauman; tradução Vera Pereira. – Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

\_\_\_\_\_. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. – Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

\_\_\_\_\_. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**/Michel de Certeau; Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 22 ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

CHARLOT, B. **Da relação com o saber às práticas educativas**/Bernard Charlot – 1. ed. – São Paulo; Cortez, 2013. – (Coleção docência em formação; saberes pedagógicos)

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**/Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção leitura)

GAUTHIER, J. **O oco do vento – metodologia da pesquisa sociopoética e estudos transculturais**, CRV, Curitiba 2012.

JOSSO, M. C. **A experiência de vida e formação**/ Marie-Christine Josso; tradução de José Cláudio, Júlia Ferreira; revisão científica Maria Conceição Passeggi, Marie-Christine Josso – 2 ed. rev. e ampl. Natal, RN; EDUFRN; São Paulo; Paulus, 2010, 341 p. – (coleção Pesuisa (auto)biográfica& Educação. Série Clássicos das Histórias de Vida)

LECHNER, E. Introdução: o olhar biográfico. **HISTÓRIAS DE VIDA: olhares interdisciplinares**. Organização Elsa Lechner. Edição: Edições Afrontamento. Coleção e ideias/17. Portugal, 2009.

\_\_\_\_\_. Diálogos de vida.....in Lechner E. **HISTÓRIAS DE VIDA: olhares interdisciplinares**. Ed. Afrontamento, 2009.

MORIN, E. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**/Edgar Morin; tradução Eloá Jacobina. – 16ª ed. 128p.

PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte da escuta**/[tradução Ricardo Sansthiago]. – São Paulo: letra e voz. 2016. – (coleção Ideias)

SANTOS, B. S. **O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do sul**/Boaventura de Sousa Santos. – 1. ed.;3. Reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2022.